

5

Conclusão

Esta dissertação pretendeu realizar uma imersão na articulação de dois problemas, que, embora esquivos, são centrais para a Filosofia – linguagem e técnica. Para isso, acompanhando o pensamento de Martin Heidegger, construímos um caminho pelas redondezas dessas questões, recolhendo os elementos capazes de nos conduzir, em seguida, a um contato mais focado e profundo.

Esperamos ter satisfeito a apresentação desses elementos adjacentes na introdução do texto. Nesse ponto, compreendemos o real como uma abertura que, de múltiplas maneiras, se encobre e se desencobre. Encontramos a escuta, como o que nos liberta da prisão do impessoal e promove um acesso ao que se encobre e desencobre sem a mediação das nossas representações subjetivas. Nesse primeiro momento, encontramos também o elemento obstrutor de nosso caminho – a técnica moderna.

Tratou-se, em seguida, no primeiro capítulo, da elaboração de uma compreensão sobre a técnica moderna. Para isso, investigamos a abordagem habitual e a compreensão heideggeriana. Com Heidegger, percebemos que a técnica moderna não é somente um movimento social, econômico, político e cultural. A técnica moderna é um modo de desencobrimento que coloca em perigo o próprio real, como a abertura que possibilita o jogo de encobrimento e desencobrimento, em favor de um modo dominante, totalizador e desertificador.

No último item do primeiro capítulo, a respeito do poema Fausto, buscamos elaborar o problema a partir de um olhar panorâmico, que nos permitisse entender de que maneira a técnica moderna atinge o homem em sua existência. Pretendemos que essas diversas maneiras de abordar a técnica moderna possam ter se complementado para revelarem o poder e o perigo que ela carrega.

No capítulo seguinte, buscamos pensar o modo como o poder da técnica moderna atinge diretamente a linguagem. Antes, porém, ainda a partir de uma abordagem panorâmica, demos um salto para supostas origens mitológicas e

presentes na história da Filosofia, para que elas nos auxiliassem na compreensão da relação entre técnica e linguagem. Ali, nos deparamos não apenas com origens, mas foi revelado como é possível encontrar essa relação por um caminho alternativo ao domínio da técnica moderna. A alternativa a esse domínio precisou ser desenvolvida como uma recuperação da origem da relação entre linguagem e técnica. A partir daí, as origens foram compreendidas como aquilo que perdura como experiência necessária.

Antes de partirmos para o esclarecimento rigoroso desse caminho alternativo, retornamos dessas origens para o modo como a linguagem é submetida à técnica em nossos dias, identificando diversas de suas manifestações.

No terceiro e último capítulo, detínhamos já compreensões suficientes dos elementos adjacentes e do elemento obstrutor para partirmos ao nosso foco. Por isso, tratamos de elaborar a experiência que se faz com a linguagem, quando esta não está submetida à técnica moderna. E, por fim, buscamos a essência da linguagem e da técnica e o modo como linguagem e técnica originariamente podem compactuar.

A linguagem não é instrumento de expressão da interioridade ou um conjunto de regras que sustentam os significados intersubjetivamente, como a técnica não é meio de controle e exploração da natureza e do real. Nas palavras de Heidegger: “Linguagem é advento iluminador-velador do próprio ser²¹¹”. Portanto, a linguagem é o que sustenta, o que encaminha o necessário através das venturas do tempo. No tempo, sobre o sustento da linguagem, a técnica, como *technè*, produz o que irá iluminar e velar o real. E caberá ao próprio destino da linguagem proteger ou não o que a técnica produziu. A produção do necessário, que descobre o que a linguagem protege, é poesia. Essa proteção, que tem a forma de uma harmonização com a linguagem, é a tarefa do pensamento.

Como conclusão, nos antecipamos a uma hipotética reprimenda quanto à possibilidade da existência de algo que perpetue e que seja necessário.

O que é o necessário? Ontologicamente, o necessário é a abertura que protege o potencial transformador e criador do homem. Onticamente, o necessário é a memória, os sentidos que os homens herdaram e a partir dos quais eles

²¹¹ HEIDEGGER, M., *Carta sobre o Humanismo*, p. 156

produzirão. Quais são esses sentidos? Só o tempo poderá dizer, o que nele perpetuar. Só um poeta poderia antecipar. O que podemos fazer é produzir.

Linguagem é a união que faz com que o primeiro dizer registrado, o de Gilgamesh, tenha tanto a nos revelar sobre o extraordinário que todos procuramos. Permanente é a possibilidade de nos reconhecermos na origem e a lembrança de que para produzirmos precisamos encontrar aquilo que nos é comum.